

AGRONEGÓCIO E PAIXÃO

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

“O fogo nos fez humanos; o combustível fóssil nos fez modernos; nós precisamos de um novo “fogo”.....”

Amory Lovins, Rocky Mountain Institute, USA

Os desafios globais para os quais são necessárias soluções urgentes, envolvem questões – chave como a insegurança alimentar e toda sua complexidade; a insegurança energética e os riscos da proliferação nuclear e das emissões dos combustíveis fósseis que alimentam o aquecimento global que, por sua vez, trazem terríveis impactos para a segurança alimentar; a escassez de energia em um mundo de bilhão de pessoas que não tem acesso a energia elétrica; as questões de uso da água e de limites do planeta para expandir a oferta de alimentos e de energia.

Estamos, como humanidade, vivendo uma nova e longa transição, na busca do que Lovins definiu como “novo fogo”. Um novo caminho, é a procura de todos aqueles que tem a consciência das mudanças essenciais para que se possa deixar um Planeta razoável aos netos.

Enquanto uns olham as oportunidades desse mundo que virá, outros miram as possibilidades de se conseguir exterminar a fome, de se reduzir ao máximo as vulnerabilidades às quais está exposto o ser humano. São posições antagônicas aos que criam dificuldades ao mundo desejado, vendendo as facilidades de um mundo ultrapassado. Vulnerabilidades como vergonha e medo, principalmente, são a base de um processo penoso que cerca os países ricos e pobres, democráticos ou autocráticos. A procura por dignidade, em ambiente sustentável, exige mudanças. E aí residem os problemas de raiz: coragem de aceitar as imperfeições, compaixão em ser gentis com os outros e, por fim, até abdicar de coisas para melhor relacionamento.

Por que esse texto falando sobre vulnerabilidades? O que isso teria a ver com o agronegócio no Brasil?

A resposta é direta: o negócio do agronegócio tropical é vulnerável, dependente do clima, dos recursos e dos riscos de produção; assim, é fruto do medo desses riscos, da vergonha do endividamento, da perda da dignidade. É isso o que se faz nos julgamentos prematuros e inseguros dos agentes do poder, que não mais discursam ou defendem a dignidade do país ou as suas oportunidades de desenvolvimento..... impingem “culpa”, escondem ou cobram compromissos, dividem e criam uma atmosfera agressiva e ingrata; não implementam políticas públicas sensatas e de suporte como o seguro rural ou impostos que valorizem as externalidades do agronegócio.

Luz do sol, antiga, muito antiga (centenas de milhões de anos), sobre o que era vivo, gerou o petróleo. É curto o período da descoberta do petróleo e seus impactos

espantosos e a criação de vulnerabilidade..... para cada 4 barris consumidos, se descobre somente 1..... Gerou-se, assim, o mote: Antes do petróleo e depois dele.....

Essa luz do sol gerou hidrocarbonetos que concentram esta luz..... as plantas, no agronegócio de grãos, pastagens, fibras ou florestas, concentram a luz do sol e fazem o milagre de centenas de milhões de anos em 3 meses, ou, no máximo, 12 meses!!

O que é mais interessante, no caso, é que o foco é a agricultura. Observem a agricultura (11.000 anos) e se veem pragas, doenças, a necessidade de água, sementes, máquinas, escala de produção..... domesticando, ou tentando domesticar a natureza com homens que aprendem com ela e aperfeiçoam métodos que alimentam homens e máquinas, sem as quais não se vive.

Seja na China, ou na Índia, não há larga escala de fome porque se tem oferta, por exemplo, na América Latina. Para tanto, é preciso produzir muito, combatendo pragas e doenças. Para ser sustentável, por exemplo, tem-se o controle integrado, que compreende o uso de inimigos naturais de pragas além de produtos químicos. Somente dessa forma se pode ter produtividade e competir em mercado.

Pois bem: há 3 anos não se aprova nem uma molécula nova no Brasil para proteger as plantas de pragas e doenças de forma mais sustentável, enquanto os países que competem com o Brasil o fazem de maneira efetiva. Por que? Em nome de que?

Por que o agronegócio tem 2 ministérios no Brasil e por que o agronegócio não é prioritário?

Além do conhecido milagre da revolução verde, o da produtividade do homem na agricultura merece atenção:

Ano	Fato
1830	250 hs para produzir 100 bushels de trigo
1890	40 hs
1930	15 hs
1960	03 hs
1950 - 2000	Produtividade do trabalho aumentou 7 vezes; Resto da economia aumentou 2,5 vezes

Fonte: Rocky Mountain Institute

A aceleração rápida da urbanização, no mundo, particularmente nos países emergentes mudam obrigatoriamente a forma de fazer e de usar as coisas. Assim, os limites do Planeta se chocam com os limites dos fatores que alimentam bocas, bicos e tanques. Em 50 anos seremos 80% urbanos! As aldeias do mundo estão se esvaziando! O Mundo se tornou um mundo de cidades.....

Ao mesmo tempo os desafios das mudanças climáticas e, potencialmente, as guerras por recursos virão. E nesse estado sem mudanças (ou poucas) no curto prazo

(1 século?), na geopolítica global terá enorme importância os países, como o Brasil, que tem matriz energética quase 50% renovável (o mundo, incluído o Brasil tem 14%) e terras e potencial produtivo incomparáveis.

Aí voltamos ao agronegócio.

Aí tentamos entender por que um agricultor em Rondonia, ao sul, ou em São Paulo, ao oeste, tem sua imagem, no meio urbano, não tratada com dignidade. Quem gera isso?

As respostas ao problema tem sido um esforço custoso, desgastante e que salienta as vulnerabilidades do setor. É, de fato, preciso um novo “fogo”.

A Abag trabalhou agora para entender o que o cidadão pensa do agronegócio e descobriu que metade deles não sabe. Nosso ensino básico e o médio não trabalham isso..... preferem adotar ideologias contrárias ao Brasil, no maior número de casos, infelizmente.